

# O CULTO AO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

**Virgínia Louro de Andrade**

(Professora do IFEN, Psicóloga e Psicoterapeuta na abordagem fenomenológico-existencial)

O culto exagerado ao corpo, a corrida pelo rejuvenescimento em uma sociedade com princípios de que tudo é descartável, consumível, vêm trazendo profundas mudanças de comportamento e de valores no cotidiano das pessoas.

Considerando a questão da valorização estética do corpo, observa-se que há uma padronização do desejo e da opinião do que seria um corpo ideal. Ou seja, nota-se uma valorização majoritária de um tipo físico específico: um corpo magro, bem definido e o mais próximo possível do padrão da perfeição, tal como ditado pela mídia.

De acordo com Novaes (2001), o corpo é o centro do cotidiano de cada pessoa, em suas aspirações de saúde perfeita, juventude eterna e beleza ideal. Além disso, o corpo é palco de paradoxos e conflitos, pois o mesmo corpo que busca sua singularidade é o que tenta negar a diferença e a alteridade. Se busca no corpo a felicidade plena.

Segundo Rodrigues (1975/1979), a maneira pela qual cada sociedade pressiona seus indivíduos a fazerem determinados usos de seus corpos mostra que, por meio dessa pressão, a marca da estrutura social imprime-se sobre a própria estrutura individual, de forma a fazer do psíquico, do físico e do coletivo algo único, que somente a abstração pode separar.

Assim, o mesmo autor diz que os homens lançam mão de recursos para se aproximarem do ideal de estética corporal que a sociedade define, destacando, dissimulando ou atenuando particularidades de sua aparência: dietas, exercícios físicos, operações cirúrgicas. Acreditam que assim estão incrementando a vitalidade de sua constituição orgânica e social.

Os conceitos de beleza são construções culturais que obedecem aos critérios de uma época. Neste sentido, a moda assume o papel de estabelecer a homogeneização dos costumes de uma dada sociedade, obedecendo seu contexto atual.

Neste sentido, Albuquerque (Novaes, 2001) fala do imediatismo da cultura atual, em que o termo imediato se aproxima mais do instantâneo do que do rápido. "Impotentes para suportar as faltas, os sujeitos caem no desespero, na tristeza ou entregam-se às compulsões. O tempo é o da urgência e a única saída é emagrecer rapidamente - a espera virou sinônimo de desespero". (p. 27).

O homem quer viver, segundo Camon (1999), mergulhado em satisfações imediatas, buscar sensações que

o façam esquecer das preocupações e ameaças futuras, estabelecer sua organização de vida no presente, vivendo o momento atual e nada mais. Assim, o passado e o futuro não têm espaços na organização do seu cotidiano. Sendo o corpo o espaço onde se situa toda a ambigüidade existencial, a busca do corpo perfeito é tomada como tentativa de negar o futuro, pois é através do corpo que o tempo deixa sua marca. Heidegger, ao analisar a existência, diz que todo ser humano é um ser-para-morte, e que toda a angústia é uma angústia diante da morte. Ocorre que o imediatismo da cultura atual facilita evitar a angústia de reconhecer a certeza e a aproximação da morte, por isso há a ênfase no presente e nada mais, como forma de negar o futuro. Assim, o indivíduo que tenta negar o futuro usando de recursos externos ao próprio corpo está querendo fugir de sua condição de ser-para-morte, buscando então se entificar.

Ainda dentro das discussões acerca da filosofia de Heidegger, é válido pensar na hermenêutica filosófica a fim de compreender o homem e suas implicações culturais. Heidegger acreditava que a compreensão de uma dada cultura só poderia ser feita através da hermenêutica, na qual compreende-se a cultura conforme ela se dá. Dessa forma, para compreender como o homem se relaciona com sua cultura, deve-se considerar o caráter de historicidade de um determinado momento e como este contexto afeta a maneira de ser, pensar e agir de cada um. Logo, torna-se impossível entender o culto ao corpo sem considerar o que a cultura atual está colocando como valores, já que todas as pessoas nascem dentro de um contexto sócio-histórico-cultural e estão, assim, suscetíveis às suas afetações.

Além disso, ao mesmo tempo em que há uma busca incessante para adquirir um corpo individualizado, a pessoa se perde no social, já que se trata de uma regra. Trata-se de uma busca por um ideal inatingível, pois as imagens veiculadas são tão perfeitas que é como se não fossem humanas; assim essa promessa leva o sujeito à insatisfação, devido à impossibilidade de se atingir o padrão. A propaganda consiste, então, em uma ideologia de fracasso, já que não atingir o modelo remete o indivíduo a um sentimento de impotência frente ao próprio corpo.

Nota-se então que o ideal de eu é de suma importância para entender o que leva a mulher contemporânea a buscar tanta satisfação em um padrão de beleza exigido pela sociedade atual. A busca de uma satisfação externa é geradora de grande ansiedade, uma vez

que o modelo de perfeição imposto pela mídia é algo inatingível e que acarreta frustração. Dessa forma, o ideal imposto pela sociedade e interiorizado pela mulher foge do que esta tem como seu eu real.

O desespero, na visão Kierkegaardiana, faz a pessoa buscar no mundo suas possibilidades, tomando-as para si e esperando alcançá-las. Porém, muitas vezes as pessoas idealizam objetivos fora de seus alcances, ficando então paralisadas ou em um estado de insatisfação permanente, como acontece com as mulheres que buscam atingir um corpo perfeito. Elegem um ideal situado no exterior, tomam para si, mas se vêem impossibilitadas de alcançarem, logo vivenciam o vazio, já que não conseguem olhar para si próprias e culpam o mundo por seus fracassos. Desenvolvem uma baixa auto-estima e desconhecem suas reais possibilidades, tornando-se prisioneiras, pois só vêem uma saída, que é obedecer o que lhes é pedido.

No início do século XX, inicia-se a moda da mulher magra. Diz Perrot (Del Priore, 2000) que foi o desabrochar de uma mística da magreza, uma obsessão pelo emagrecimento. O corpo deve se conformar em relação à roupa. A mulher que ultrapassa o tamanho do manequim sofre um constrangimento moral e corporal, sentindo-se reprovada e estigmatizada. A entrada da mulher no mundo do exercício físico trouxe a aprovação dos corpos leves e esbeltos. Os quilinhos a mais, mesmo discretos, eram perseguidos. A mulher moderna passou a ser caracterizada por regimes e musculação. A norma estética emagrece, endurece, masculiniza o corpo feminino deixando a 'ampulheta' para trás.

As mulheres esculpem seus corpos espelhando-se em modelos fotográficos representantes da estética da perfeição. O modelo de beleza proposto relacionado com a imagem corporal das mulheres gera insatisfação das mesmas com seus corpos. Sendo assim, o binômio saúde / beleza é dado como o caminho legítimo e seguro para a felicidade.

"Se historicamente as mulheres preocupavam-se com sua beleza, hoje elas são responsáveis por ela". (Novaes, 2001, p.51). Não se tornar bela hoje é uma incapacidade individual. A culpa é individual, pois a multiplicação das técnicas corporais e de modelos gera uma pressão ao autocontrole, no sentido de se educar eficazmente.

Havendo a possibilidade de escolher tornar-se bela, a responsabilidade em assumir alguma posição poderia remeter a mulher a um sentimento de culpa. Não se tornar bela, para uma mulher com uma baixa auto-estima, seria o mesmo que dizer que ela não é capaz, daí a culpa. Existem as duas possibilidades, mas a escolha precisa ser de forma consciente. Sendo assim, não há culpa, pois a escolha foi coerente com o desejo da mulher.

O que se vê não é somente um normativo de padrões de beleza, pois estes sempre existiram. O que se tem

é a possibilidade de ser bela, de transformar-se. Há uma facilidade, e por isso é uma questão de escolha.

Assim sendo, existe uma possibilidade de transformar-se em busca da beleza, porém, é uma ilusão da mulher achar que se transformando, ela vai encontrar o bem estar que está procurando, já que essa busca geralmente acontece de forma irreflexiva, na qual apropria-se dos valores sociais como verdades absolutas, sem questionar-se reflexivamente sobre este processo.

A busca incessante em atingir um ideal de beleza demonstra não somente atingir tal objetivo, mas demonstra também, e principalmente, a necessidade de aceitação social, ligada a uma baixa aceitação de si própria, ou seja, uma auto-estima enfraquecida. Logo, estar dentro dos padrões sociais de beleza não seria suficiente para proporcionar à mulher o bem estar tão esperado. Para tanto, é preciso que haja uma conscientização reflexiva de sua escolha, para que haja uma formulação psíquica e para que o bem estar se dê por inteiro.

O consumismo propõe, segundo Novaes (2001), o desconforto existencial do homem moderno, porque significa justamente consumir, descartar e desperdiçar mais. O consumo promete o preenchimento do vazio existencial, do qual nenhum sujeito poderá escapar, e a grande cilada seria acreditar que o consumo poderia preencher tal vazio. O que se perde é a possibilidade reflexiva do pensamento, fica-se aprisionado ao fascínio das imagens.

De acordo com Camon (1999), a nova era em que se vive atualmente é denominada como a era do vazio, momento em que o predomínio da dimensão psicológica, própria ao predomínio do eixo do presente, joga as pessoas cada vez mais dentro de um individualismo narcísico. Para este autor, individualismo narcísico é o meio pelo qual o eu é exaltado, em detrimento de outras dimensões da vida, e solidifica-se por um investimento maciço no corpo e por um culto à objetos supérfluos, que provocam na pessoa uma sensação de preenchimento de desejo.

Feijoo (2002) diz que o vazio, para Heidegger, é inquietude, e é o que salva, pois é o que possibilita o homem se reconhecer como próprio, ou seja, como ser-para-morte. Porém, devido à angústia da inquietude, o contrário pode ocorrer. Isto quer dizer que, ao invés de se reconhecer como ser-para-morte, o homem tenta preencher tal vazio pelo caminho mais cômodo, buscando assim o consumo, ginástica, a dieta, a cirurgia, a cosmética, etc.

Na dialética Kierkegaardiana do desespero, o homem que foge de si mesmo lança seu olhar para o universal, tornando-se uma pessoa padronizada e modelada pela sociedade. Fugindo de si mesma, a pessoa foge da consciência do desespero abrindo mão de sua individualidade, e apega-se às convenções. Sendo assim, apesar de ser uma pessoa 'normal' vista pelo mundo, não é uma pessoa dona de sua própria criação. Com isso, sentirá

um vazio, pois não terá um eu próprio. E o vazio não estará no exterior como pensa, e sim na não tomada de consciência do que faz consigo próprio.

Para Sartre o para-si atua no vazio, pois carece de uma plenitude que o fundamente. Neste sentido, o homem, ao tentar preencher este vazio, procura se tornar um em-si. Porém, este projeto está fadado ao fracasso, pois é uma busca impossível já que a própria constituição do para-si é um nada. Mesmo assim, é característico do para-si persistir na busca pela estabilidade do ser. Este processo pode ser observado no ato de consumir, como se, ao realizá-lo, o homem estivesse buscando o preenchimento de seu para-si. Em outras palavras, o homem busca fundamentar-se e fixar-se em algo concreto, caracterizando-se como um em-si. No entanto, da mesma forma que esse processo está fadado ao fracasso, o consumo nunca conseguirá cumprir o que promete, que é preencher o vazio de cada um.

O parâmetro social dita o modo de se vestir, se comportar, se alimentar, ou seja, dita qual uso deve ser feito do corpo. Dessa forma, a mulher, ao tentar seguir estes padrões, se coloca como ente, tentando colocar-se como objeto frente aos valores sociais. No entanto, este comportamento é fadado ao fracasso, pois quando se faz dieta, por exemplo, reconhece-se a liberdade de engordar, reconhecendo-se assim como ser. Assim, não há possibilidades de se entificar; e por isso o homem vive a angústia de querer se tornar ente, e não poder ser. O agir da forma como o impessoal proclama que se deve agir, como ser magra, é um exemplo disso.

O sistema econômico atual possibilita muito a fuga de si mesmo, já que tem como objetivo globalizar normas e condutas sociais em nome do consumo, possibilitando que as pessoas tornem-se também uniformizadas, globalizadas. O singular é evitado a todo custo. Espera-se que todos comprem a mesma idéia, como se fossem únicas. E o indivíduo realmente sente como se fossem idéias e vontades individuais. Daí frustração de não atingir uma vontade que na verdade nem é própria.

O culto ao corpo pode ser considerado como uma escolha secundária que o indivíduo faz em relação a sua escolha primeira, que é a escolha de si mesmo, chamada por Sartre de projeto fundamental e por Erthal de auto-imagem. Assim, mulheres que possuam uma auto-imagem positiva e segura de si têm seus pensamentos, sentimentos e comportamentos coerentes e voltados para os próprios valores, não necessitando assim procurar no social padrões que as definam. Mas vale ressaltar que isso não significa que tais mulheres não possam e não cuidem de seus corpos como uma forma de se sentirem bem consigo mesmas. O zelo e o cuidado com o próprio corpo, de forma saudável, denotam por si só um afeto positivo por si própria, isto é, uma auto-estima elevada.

Já mulheres que cultuam seus corpos de forma demasiada e voltadas para a aceitação do outro, podem conotar um auto-conceito fraco e inseguro, por isso buscam no social conceitos que possam defini-las, dando-lhes a certeza de que assim serão aceitas. Isto quer dizer que tais mulheres são tão inseguras em relação a si mesmas que precisam se enquadrar em algo pré-estabelecido pelo social, pela incapacidade que sentem em elas próprias se estabelecerem.

Enquadrar-se em padrões externos é também uma escolha a ser feita, e como em toda escolha, há uma responsabilidade implicada. Só que o vir de fora dá a ilusão de abstenção de uma responsabilidade que na verdade é própria de cada um. Aceitar o que vem de fora já é uma escolha que vem de dentro da pessoa, e não o valor externo é que escolhe o que cada um deve ser. Escolhemos o valor, e não o valor que nos escolhe. O que se percebe atualmente é que a sociedade de consumo globalizada tem como um dos objetivos causar nas pessoas a necessidade de se sentirem iguais e dentro dos padrões que ela própria estabelece. O que ocorre é que a maioria das mulheres obedece a esses valores sem questionarem-se, ou seja, sem que haja uma consciência reflexiva.

Segundo Perdigão (1995), as pessoas têm a ilusão de se considerarem como plenas e acabadas, com uma solidez e permanência de um caráter estabelecido e um destino pré-fixado, contra os quais nada se pode fazer. As pessoas são apenas vítimas de uma sorte já lançada e irremediável, de um determinismo orgânico e psicológico, e já nascem da maneira como têm que ser. É por esta razão que muitas pessoas se comportam como seres imutáveis, desempenhando o papel que lhes cabe, evitando tomar decisões e procurando ser apenas aquilo que o outro espera que sejam. Porém, ninguém é para sempre isso ou aquilo. O homem é um ser inacabado, um projeto, uma perpétua totalização em andamento.

Muitas vezes os homens aceitam valores dos outros, valores estes que refletem uma estrutura social, e tendem a preservá-la; e não enxergam que o significado das coisas deriva da liberdade, preferindo captar os valores como provenientes do mundo exterior. Nota-se que é comum culpar os condicionamentos externos pelas próprias ações, justificando-as pela influência do meio ou pela educação que recebeu. As pessoas procuram se conformar com o que não fizeram ou não puderam fazer, argumentando que as circunstâncias conspiraram contra sua vida.

O homem é influenciado por diversas esferas desde seu nascimento. Entretanto, a escolha entre continuar reproduzindo comportamentos e valores externos como um continuador passivo ou criar as rédeas de sua própria vida será livre. Logo, não há como negar ou mudar a sua história, o seu passado, mas o que fará em diante e a forma como olhará para o que já passou, pode ser mudada a todo

momento.

O que se vê acontecer é que por ser mais seguro e confortável, as pessoas preferem culpar sua história de vida como forma de evitar se comprometer com a responsabilidade da mudança. O mesmo ocorre com a questão da valorização do corpo: buscar emagrecer incessantemente, afirmando que só assim será aceita e bonita, pois é isso que o sistema diz, é uma forma de culpar o mundo por um comportamento no qual, a aceitação e o tomar para si são livres e responsabilidade própria de cada um. Tomar um padrão imposto socialmente e sofrer para obedecê-lo é abster-se de questionar e escolher seus próprios valores.

Pode-se afirmar que essas mulheres tornaram-se escravas do próprio corpo e da sociedade. Sentem-se obrigadas a estarem em forma sem questionarem suas próprias vontades. Porém, são escravas de si mesmas, já que somente elas podem se libertar. Pior, tomam como vontade própria a regra social. Kierkegaard (1936/2002) afirma que é somente tomando consciência de seu desespero, que a pessoa estará em contato com suas reais possibilidades e dar-se-á conta de que está sendo dirigida, de que é o que se espera que ela seja. Com isso, poderá escolher o que ela deseja ser, agora não mais vinculada a uma convenção externa e sim a uma vontade própria.

Não somos livres de todas as afetações que sofremos, seja ela social, ideológica, biológica, política, familiar e religiosa, mas somos livres para lidar com elas da maneira que achemos melhor.

Se para Sartre todo homem é livre para escolher e responsável por suas escolhas, a maneira como as mulheres lidam com os padrões sociais são escolhas livres, ligadas a auto-imagem de cada uma. Apropriar-se desses padrões é fugir de sua condição de liberdade. Obedece-se pela comodidade em não se responsabilizar pelo que se é.

Baseando-se no pensamento de Sartre, pode-se afirmar que trata-se então de uma liberdade de escolha diante das situações. Ou seja, é a percepção e a valorização que o sujeito dá ao mundo e às situações, que influenciará em sua auto-imagem. Leva-se em consideração o poder que o meio tem de influenciar condutas e opiniões, mas o indivíduo é livre para se posicionar diante desse quadro, através de um processo de conscientização e responsabilidade.

### **Referências Bibliográficas:**

- Camon, V. A. (org.) (1999). *A Prática da Psicoterapia*. São Paulo: Pioneira.
- Del Priore, M. (2000). *Corpo a Corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do Corpo Feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC São Paulo.
- Feijoo, A. M. (2002). *Notas de sala de aula*.
- Kierkegaard, S. (1936/2002). *O Desespero Humano*. São

Paulo: Martin Claret.

Novaes, J. (2001). *Perdidas no Espelho? Sobre o Culto ao Corpo na Sociedade de Consumo*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro.

Perdigão, P. (1995). *Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.

Rodrigues, J. C. (1975/1979). *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.